

**MICHAEL
CONNELLY**

OS DEUSES DA CULPA

Tradução
Cássio de Arantes Leite



Copyright © 2013 by Hieronymus, Inc.

Esta edição foi publicada mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, Estados Unidos. Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Gods of Guilt

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa
© Stuart Brill/ Trevillion Images

Preparação
Gustavo Feix

Revisão
Thaís Totino Richter
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Connelly, Michael
Os deuses da culpa / Michael Connelly ; tradução
Cássio de Arantes Leite. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma
de Letras, 2017.

Título original: The Gods of Guilt.
ISBN 978-85-5651-035-8

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-
americana) I. Título.

17-03647

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

PARTE UM
DIAS DE
GLÓRIA

Terça-feira, 13 de novembro

1

Me aproximei do banco das testemunhas com um sorriso cordial, amigável. Claro que isso escondia minha verdadeira intenção: liquidar a mulher que estava sentada ali, com os olhos fixos em mim. Claire Welton tinha acabado de identificar meu cliente como o homem que, com uma arma apontada, a forçara a descer de seu Mercedes E60 na véspera de Natal do ano anterior. Afirmava que fora ele mesmo o responsável por jogá-la no chão antes de levar seu carro, sua bolsa e as sacolas de compras que havia guardado no porta-malas, no estacionamento do shopping. Como disse à promotora, também fora ele o responsável por levar sua sensação de segurança e sua autoconfiança, embora por esses roubos mais pessoais ele não estivesse sendo acusado.

— Bom dia, sra. Welton.

— Bom dia.

Ela disse essas palavras como se fossem sinônimo de *por favor, não me machuque*. Mas todo mundo no tribunal sabia que meu trabalho nesse dia era atingi-la de algum modo e, por tabela, o processo montado pela promotoria contra meu cliente, Leonard Watts. Welton tinha sessenta e poucos anos e um ar matriarcal. Não parecia frágil, mas eu precisava torcer para que fosse.

Welton era dona de casa em Beverly Hills e uma das três vítimas de agressão e assalto em uma onda de crimes que explodiu pouco antes do último Natal e resultou em nove acusações contra Watts. A polícia o apelidara de “Bandido Bate-Bate”: um ladrão violento que escolhia e seguia mulheres na saída de shoppings e, quando paravam por um momento em alguma área residencial, colidia contra a traseira de seus carros. Em seguida, assim que elas desciam para

verificar os danos, apontava uma arma e levava seus veículos e pertences. Depois ele penhorava ou revendia os artigos, pegava a grana que conseguia e levava os carros para os desmanches do Valley.

Mas tudo isso não passava de alegação e alguém precisava identificar Leonard Watts como culpado diante do júri. Era isso que tornava Claire Welton tão especial e a testemunha-chave do julgamento. Ela foi a única das três vítimas que apontou Watts para o júri e afirmou sem pestanejar que era ele, que aquele homem tinha sido o autor do crime. Era a sétima testemunha apresentada pela promotoria em dois dias, mas a única que importava. O pino da frente. Se eu o derrubasse no ângulo certo, todos os demais cairiam com ele.

Eu precisava de um strike ali mesmo, ou os jurados fariam Leonard Watts ver o sol nascer quadrado por um bom tempo.

Levei uma única folha de papel para o banco das testemunhas. Identifiquei o documento como o boletim de ocorrência original do primeiro policial que respondeu ao chamado do 911 feito por Claire Welton, de um celular emprestado, após o roubo. O boletim já estava entre as provas da promotoria. Depois de pedir e obter a aprovação do juiz, coloquei o papel sobre o tampo do banco das testemunhas. Welton se encolheu quando fiz isso. Tive certeza de que a maioria dos membros do júri também notou essa reação.

Comecei fazendo minha primeira pergunta ao voltar para o atril, entre as mesas da promotoria e da defesa.

— Sra. Welton, acabei de deixar à sua frente o boletim de ocorrência original, registrado no dia do infeliz incidente. A senhora se lembra de ter conversado com o policial que chegou para ajudar?

— Lembro, claro que lembro.

— A senhora contou a ele o que aconteceu, correto?

— Sim. Eu ainda estava abalada com...

— Mas a senhora contou o que aconteceu para que ele pudesse registrar a ocorrência sobre o homem que roubou suas coisas e seu carro, correto?

— Isso.

— O nome do policial era Corbin, correto?

— Acho que sim. Não lembro o nome, mas está no BO.

— Mas a senhora realmente se lembra de contar ao policial o que aconteceu, não é mesmo?

— Sim.

— E ele escreveu um resumo do que a senhora disse, correto?

— Sim, isso mesmo.

— E ele até pediu para a senhora ler e rubricar o que estava escrito, não foi?

— Foi, mas eu estava bem nervosa.

— Essas são as suas iniciais, ao final do último parágrafo do BO?

— São.

— Sra. Welton, poderia ler em voz alta para o júri o que o policial Corbin escreveu depois de conversar com a senhora?

Welton hesitou ao examinar o documento.

Kristina Medina, a promotora, aproveitou a deixa para se levantar e protestar.

— Objeção. Excelência, com ou sem a rubrica da testemunha no documento, a defesa continua tentando desqualificar o testemunho com algo que ela não escreveu.

O juiz Michael Siebecker estreitou os olhos e se virou para mim.

— Meritíssimo, ao rubricar o boletim de ocorrência do policial, a testemunha ratificou o que estava escrito. É um registro do que aconteceu naquele momento, e o júri precisa escutar o conteúdo.

Siebecker indeferiu a objeção e instruiu a sra. Welton a ler o depoimento rubricado no BO. Ela finalmente consentiu.

— “A vítima afirmou que parou no cruzamento da Camden com Elevado e logo em seguida seu carro foi atingido na traseira por outro. Quando abriu a porta para sair e verificar os danos, foi abordada por um homem negro, IE de trinta a trinta e cinco...” Eu não sei o que IE quer dizer.

— Idade estimada — disse eu. — Continue lendo, por favor.

— “O homem a agarrou pelo cabelo, a puxou para fora do carro e a arastou para o meio da rua. O indivíduo apontou para o rosto dela um revólver preto, de cano curto, e disse que atiraria se ela fizesse qualquer movimento ou algum barulho. O suspeito em seguida entrou no veículo e se afastou na direção norte, seguido pelo carro que batera na traseira. A vítima não pôde oferecer...”

Esperei, mas ela não terminou.

— Excelência, pode instruir a testemunha a ler todo o boletim da maneira como foi escrito no dia do incidente?

— Sra. Welton — proferiu o juiz Siebecker. — Por favor, continue a leitura do documento até o fim.

— Mas, meritíssimo, não foi só isso que eu disse.

— Sra. Welton — disse o juiz, energicamente. — Leia *todo* o documento, como está pedindo o advogado da defesa.

Welton cedeu e leu a última sentença do resumo:

— “A vítima não pôde oferecer mais nenhuma descrição do suspeito nesse momento.”

— Obrigado, sra. Welton — disse eu. — Certo, embora não haja muita coisa no que se refere à descrição do suspeito, a senhora desde o início foi capaz de descrever em detalhes a arma utilizada, não é verdade?

— Não sei bem se foi em detalhes. Ele apontou a arma para a minha cara, então eu dei uma boa olhada nela e consegui descrever o que eu vi. O policial me ajudou, falando sobre a diferença entre um revólver e outro tipo de arma. Acho que é automática o nome.

— E a senhora foi capaz de descrever o tipo de arma em questão, a cor e até o comprimento do cano.

— As armas não são todas pretas?

— Talvez nesse momento seja melhor deixar as perguntas para mim, sra. Welton.

— Bom, o policial perguntou um monte de coisas sobre a arma.

— Mas mesmo não sendo capaz de descrever o homem que apontou a arma na sua direção no momento do incidente, duas horas depois a senhora identificou o rosto dele entre uma série de fotos de suspeitos. Não foi assim, sra. Welton?

— O senhor precisa entender uma coisa: eu vi o homem que me roubou e apontou a arma para mim. Ser capaz de descrever e reconhecer são coisas diferentes. Quando vi a foto, eu sabia que era ele, assim como tenho certeza de que é ele sentado ali naquela mesa.

Me virei para o juiz.

— Excelência, a resposta é evasiva, peça que seja desconsiderada.

Medina se levantou.

— Meritíssimo, as supostas perguntas da defesa não passam de afirmações vagas. O advogado afirmou uma coisa e a testemunha simplesmente respondeu. Esse pedido de anulação não tem fundamento.

— Indeferido — disse o juiz, rapidamente. — Passe à próxima pergunta, dr. Haller, e com isso quero mesmo dizer uma pergunta.

Fiz o melhor que pude. Durante os vinte minutos seguintes, parti para cima de Claire Welton, questionando o fato de ter identificado meu cliente. Perguntei quantas pessoas negras conhecia na vida como dona de casa em Beverly Hills, trazendo à tona questões inter-raciais. De nada adiantou. Em nenhum momento fui capaz de abalar sua certeza ou sua crença de que Leonard Watts era o homem que a assaltara. No decorrer da inquirição, ela pareceu recuperar uma das coisas que afirmara ter perdido no roubo: sua autoconfiança. Quanto mais eu apertava, mais ela parecia opor resistência ao meu ataque verbal, devolvendo na mesma moeda. No fim, parecia um iceberg. A identificação que fizera de meu cliente continuava inabalável. Minha bola de boliche corria pela canaleta.

Informei que não tinha mais perguntas e voltei à mesa da defesa. Medina disse ao juiz que faria uma breve contrainquirição, e eu sabia que ela faria a Welton uma série de perguntas que serviriam apenas para reforçar a identificação que fizera de Watts. Quando sentei na cadeira ao lado de meu cliente, seus olhos sondaram meu rosto, à procura de alguma esperança.

— Bom — sussurrei para ele. — Já era. A gente dançou.

Ele recuou, como que repellido por meu hálito ou minhas palavras, ou pelas duas coisas.

— A gente? — perguntou.

Disse isso alto o bastante para interromper Medina, que se virou e olhou para a mesa da defesa. Ergui um pouco as mãos com a palma virada para baixo, em um gesto apaziguador, e fiz *Calma!* com a boca, sem som, para ele.

— Calma? — disse ele, em voz alta. — Calma porra nenhuma. Você me falou que estava tudo certo, que ela não era problema.

— *Dr. Haller!* — bradou o juiz. — Controle seu cliente, por favor, ou vou ser obrigado a...

Watts não esperou o juiz concluir sua ameaça. Jogou-se com todo o peso do corpo em cima de mim, me atingindo como um zagueiro de futebol americano que interceptasse um arremesso e levando minha cadeira junto. Caímos estatelados no chão, aos pés de Medina. A promotora deu um pulo para o lado para não se machucar quando Watts levou o braço direito para trás. Fiquei com o lado esquerdo do corpo espremido contra o chão, o braço direito preso sob o corpo de Watts. Consegui erguer a mão esquerda e aparei o punho que desceu para me acertar. Só o que pude fazer foi reduzir o impacto do soco. O murro espremeu minha própria mão contra meu queixo.

Fiquei periféricamente ciente dos gritos e da agitação em volta. Watts ergueu o punho de novo, se preparando para desferir o segundo soco. Mas os guardas do tribunal caíram em cima dele antes que tivesse tempo de soltar o braço. Eles o dominaram, tirando-o de cima de mim e arrastando para o poço, o vão diante das mesas dos advogados.

Tudo parecia se mover em câmera lenta. O juiz bradava ordens que ninguém ouvia. Medina e a estenógrafa se afastavam da confusão. A assistente do juiz havia se levantado atrás de seu nicho e observava tudo horrorizada. Watts estava com o peito contra o chão, a mão de um dos guardas na lateral de sua cabeça, pressionada contra o piso. Esboçou um sorriso estranho enquanto suas mãos eram algemadas às costas.

E num instante tudo terminou.

— Guardas, tirem esse homem do recinto! — ordenou Siebecker.

Arrastado pela porta de aço na lateral do tribunal, Watts foi levado à cela usada para os réus sob detenção. Fiquei ali caído, verificando os estragos. Tinha sangue na boca, nos dentes e também na impecável camisa branca que estava vestindo. Minha gravata tinha ido parar debaixo da mesa da defesa. Era a gravata de presilha que eu usava nos dias em que precisava visitar clientes detidos, para não correr o risco de ser estrangulado nas barras.

Esfreguei o queixo com a mão e passei a língua pelas fileiras de dentes. Tudo parecia intacto e no lugar. Tirei o lenço branco de um bolso interno do paletó e comecei a limpar o rosto, enquanto usava a mão livre para me apoiar na mesa da defesa e ficar de pé.

— Jeannie — disse o juiz para sua assistente. — Chame os paramédicos para o dr. Haller.

— Não, meritíssimo — falei na mesma hora. — Está tudo bem. Só preciso me limpar um pouco.

Peguei a gravata e esbocei uma patética tentativa de recuperar a compostura, prendendo-a no colarinho apesar da considerável mancha vermelha que havia arruinado a frente da minha camisa. Enquanto ajustava a presilha no colarinho abotoado, vários guardas do tribunal, sem dúvida respondendo ao botão de emergência apertado pelo juiz, entraram correndo pela porta dupla, no fundo da sala. Sem perder tempo, Siebecker pediu para se acalmarem e explicou que o incidente tinha acabado. Os guardas se posicionaram na parede do fundo do tribunal, em uma demonstração de força, caso houvesse mais alguém na sala pensando em pôr as manguinhas de fora.

Esfreguei meu rosto com o lenço uma última vez e então falei:

— Excelência. Lamento profundamente o comport...

— Agora não, dr. Haller. Volte a sentar. A senhora também, dra. Medina. Vamos todos nos acalmar e voltar aos nossos lugares.

Fiz como instruído, segurando o lenço dobrado na boca e observando o juiz virar sua cadeira para ficar de frente para a bancada do júri. Primeiro ele informou a Claire Welton que ela podia deixar o banco das testemunhas. Ela ficou de pé, hesitante, e se dirigiu à porta atrás das mesas dos advogados. Parecia mais abalada do que todos ali no tribunal. Sem dúvida por um bom motivo. Provavelmente imaginou que Watts poderia ter ido atrás dela com a mesma facilidade com que pulara em cima de mim. E, se fosse suficientemente rápido, teria conseguido.

Assim que Welton sentou na primeira fileira da plateia, reservada às testemunhas e aos profissionais ligados ao julgamento, o juiz se dirigiu ao júri.

— Senhoras e senhores, lamento que tenham sido obrigados a presenciar essa cena lamentável. Um tribunal não é lugar para violência. É um lugar onde

a sociedade civilizada se posiciona contra a violência que ocorre lá fora, nas ruas. É muito doloroso para mim quando uma coisa dessas acontece.

Houve um estalo de som metálico quando a porta para a cela abriu. Os dois guardas voltaram e me perguntei até que ponto haviam maltratado Watts enquanto o jogavam dentro da cela.

O juiz fez uma pausa e então voltou a se dirigir ao júri.

— Infelizmente, a decisão do sr. Watts de atacar seu advogado prejudicou a continuidade desse julgamento. Creio...

— Excelência? — interrompeu Medina. — Se a promotoria puder ter uma palavra.

Medina sabia exatamente o que o juiz iria dizer e precisava fazer alguma coisa.

— Agora não, dra. Medina, e não interrompa a corte.

Mas Medina insistiu.

— Excelência, podemos nos aproximar?

O juiz pareceu irritado, mas cedeu. Deixei que ela andasse na frente e fomos até o juiz, que acionou o interruptor de um ventilador no teto para que o júri não pudesse escutar nossos murmúrios. Antes que Medina pudesse apresentar sua argumentação, o juiz perguntou mais uma vez se eu desejava cuidados médicos.

— Estou bem, meritíssimo, mas obrigado por perguntar. Acho que na verdade a única coisa sem remédio é minha camisa.

O juiz balançou a cabeça e se virou para Medina.

— Entendo sua objeção, dra. Medina, mas não há nada que eu possa fazer. O júri foi contaminado pelo que acabou de presenciar, será uma avaliação tendenciosa. Não tenho escolha.

— Excelência, este caso diz respeito a um acusado que cometeu atos extremamente violentos. Os membros do júri sabem disso e não vão ser indevidamente influenciados pelo que viram. Os jurados têm direito a uma opinião e a julgar por conta própria o comportamento do réu. Como este se envolveu voluntariamente em atos violentos, a tendenciosidade não é indevida nem injusta.

— Se me permite a palavra, Excelência, devo discordar da...

— Além do mais — continuou Medina, passando por cima de mim —, receio que a corte esteja sendo manipulada pelo réu. Ele sabia perfeitamente que poderia conseguir um novo julgamento dessa forma. O réu...

— Ei, espera aí um minuto — protestei. — A objeção da doutora é repleta de insinuações infundadas e...

— Dra. Medina, sua objeção foi indeferida — disse o juiz, encerrando a discussão. — Mesmo que a tendenciosidade não seja indevida nem injusta, na

prática o sr. Watts acabou de dispensar seu advogado. Não posso exigir que o dr. Haller prossiga nessas circunstâncias e não estou inclinado a permitir que o sr. Watts volte a pisar nesse tribunal. De volta a seus lugares. Os dois.

— Meritíssimo, solicito que conste dos autos o protesto da promotoria.

— Assim será feito. Agora, para trás.

Voltamos a nossas mesas e, depois de desligar o ventilador, o juiz se dirigiu ao júri:

— Como eu estava dizendo, senhoras e senhores, o que acabaram de presenciar criou uma situação prejudicial para o réu. Creio que, ao deliberar sobre a culpa ou a inocência das acusações, seria muito difícil para o júri se distanciar da cena que acabou de acontecer nessa sala. Desse modo, devo decretar temporariamente anulado o julgamento e dispensá-los, com os agradecimentos do tribunal e do Estado da Califórnia. O guarda Carlyle vai escoltá-los de volta à sala da assembleia, onde poderão pegar seus pertences e ir embora.

Os jurados ficaram sem saber o que fazer, sem saber se tudo havia terminado de fato. Finalmente, um deles criou coragem e se levantou, logo sendo seguido pelos demais. Então saíram em fila por uma porta no fundo da sala.

Olhei para Kristina Medina. Ela estava sentada na mesa da promotoria com o rosto para baixo, derrotada. O juiz de repente suspendeu a sessão pelo resto do dia e deixou sua cadeira. Dobrei meu lenço arruinado e o guardei.

2

Eu tinha programado o dia inteiro para o julgamento. Liberado de uma hora para outra, estava sem cliente para visitar, sem promotor para negociar, sem lugar para ir. Saí do prédio do tribunal e andei pela Temple até a First. Na esquina, havia uma lata de lixo. Tirei o lenço do bolso, levei aos lábios e cuspi o que havia dentro da minha boca, antes de jogá-lo fora.

Dobrei à direita na First e vi os Lincoln Town Cars estacionados junto ao meio-fio. Havia seis enfileirados, como um cortejo fúnebre. Na calçada, em grupinho, os motoristas jogavam conversa fora enquanto esperavam. Dizem que a imitação é a forma mais sincera de elogio, mas desde o filme *O poder e a lei* todo um contingente de Mickey Haller com seus Lincoln brotara do nada e passara a circular pelos arredores dos tribunais de LA. Isso me deixava orgulhoso e irritado. Várias vezes ouvira dizer que outros advogados por aí afirmavam ter sido a inspiração para o filme. Para completar, eu entrara no Lincoln errado pelo menos três vezes no último mês.

Desta vez não haveria erro. Descendo a ladeira, peguei o celular e liguei para Earl Briggs, meu motorista, que eu podia ver lá adiante. Ele atendeu na hora e eu lhe disse para abrir o porta-malas. Então desliguei.

Vi o porta-malas aberto no terceiro Lincoln da fila e me dirigi para lá. Quando cheguei, coloquei a pasta no chão e tirei o paletó, a gravata e a camisa. Como estava usando uma camiseta por baixo, não causei nenhuma comoção. Escolhi uma oxford azul-clara na pilha de camisas de reserva, desdobrei e comecei a vestir. Earl deixou a roda de bate-papo e se aproximou. Ele vinha sendo meu motorista de maneira intermitente por quase dez anos. Sempre que se metia

em encrenca, me procurava e pagava meus honorários dirigindo para mim. Desta vez não estava pagando por um erro seu: eu tinha evitado a execução da hipoteca da casa de sua mãe, impedindo que ela ficasse sem um teto. Isso me rendeu seis meses de serviços de motorista por parte de Earl.

Ele pegou e examinou minha camisa arruinada, pendurada no para-choque:

— Ei, alguém derramou ketchup na sua camisa ou algo assim?

— Algo assim. Vamos indo.

— Pensei que tivesse julgamento o dia inteiro.

— Eu também. Mas as coisas mudam.

— Pra onde, então?

— Vamos dar uma passada no Philippe, primeiro.

— Beleza.

Ele sentou no banco do motorista e eu me acomodei atrás. Depois de uma rápida parada em uma sanduicheria da Alameda, disse a Earl para tomar a direção oeste. A próxima parada era um lugar chamado Menorah Manor, perto do Park La Brea, no distrito de Fairfax. Avisei que ia levar mais ou menos uma hora e desci com minha pasta. Eu tinha colocado a camisa limpa para dentro da calça, mas não me dei ao trabalho de pôr a gravata de presilha outra vez. Não iria precisar.

Menorah Manor era um lar de idosos de quatro andares em Willoughby, a leste de Fairfax. Me identifiquei na recepção e tomei o elevador para o terceiro andar, onde informei a mulher no balcão que tinha uma consulta jurídica com meu cliente, David Siegel, e que não queria ser incomodado enquanto estivesse no quarto. Era uma mulher simpática, acostumada com minhas visitas frequentes. Ela assentiu e seguiu pelo corredor para o quarto 334.

Entreí e fechei a porta, após pendurar o aviso de NÃO PERTURBE na maçaneta, do lado de fora. David “Legal” Siegel estava deitado, com os olhos grudados na TV fixada em um suporte no alto da parede, o botão mudo acionado. As mãos brancas e finas repousavam sobre um cobertor e o tubo de oxigênio enfiado no nariz sibilava baixinho. Ele sorriu quando me viu.

— Mickey.

— Legal, como vão as coisas hoje?

— Iguais a ontem. Trouxe algo para mim?

Puxei e posicionei a cadeira encostada na parede de modo a sentar em sua linha de visão. Aos oitenta e um anos, sua mobilidade era reduzida. Abri a pasta sobre a cama e virei para que ele pudesse alcançá-la.

— Sanduíche de rosbife do Philippe The Original. Que tal?

— Puxa vida — ele disse.

Menorah Manor era um estabelecimento kosher e eu usava a história da consulta jurídica como forma de driblar o regulamento. Legal Siegel sentia falta dos lugares no centro em que costumava comer durante seus quase cinquenta anos como advogado, e eu ficava feliz de poder proporcionar uma pequena alegria gastronômica. Ele fora sócio de meu pai na firma de advocacia e era o estrategista. Já meu pai ficava na linha de frente, o artista que encenava as estratégias no tribunal. Mesmo depois da morte de meu pai, quando eu tinha cinco anos, Legal continuou por perto. Ele me levou para meu primeiro jogo dos Dodgers quando eu era criança e me mandou para a faculdade de direito quando fiquei mais velho.

Um ano antes, eu havia procurado Legal Siegel depois de perder a eleição para a promotoria, em meio à autodestruição e ao escândalo. Precisava de uma nova estratégia de vida e ele não me deixou na mão. Nesse sentido, os encontros eram consultas jurídicas legítimas entre advogado e cliente, só que as pessoas na recepção não sabiam que eu era o cliente.

Ajudei-o a desembulhar o sanduíche e abri o recipiente plástico com o molho de carne que tornava os lanches do Philippe tão bons. Havia também algumas fatias de pickles embrulhadas em papel-alumínio.

Legal sorriu com a primeira mordida e gesticulou com o braço magro, como se tivesse conquistado uma grande vitória. Sorri, feliz por trazer algo. Ele tinha dois filhos e um punhado de netos mas, a não ser nos feriados, eles nunca apareciam. Como Legal sempre me dizia: “Eles precisam de você até não precisar mais”.

Quando eu conversava com Legal, o assunto girava principalmente em torno dos casos. Ele sugeria estratégias e era imbatível quando se tratava de prever planos da promotoria e desdobramentos de casos. Não fazia diferença que nunca tivesse pisado em uma sala de tribunal neste século ou que os códigos penais tivessem mudado desde sua época. Ele tinha experiência e sempre sabia como entrar na dança. Chamava suas artimanhas de jogadas — a jogada do duplo cego, a jogada da toga do juiz, e assim por diante. Eu o procurei durante o período sombrio que se seguiu à eleição. Queria saber sobre meu pai e como ele havia lidado com as adversidades da vida. Acabei aprendendo mais sobre direito e como esse campo se parecia com massa de modelar, como podia ser dobrado e moldado.

— A lei é maleável — Legal Siegel sempre me dizia. — Flexível.

Eu o considerava parte da equipe, o que me permitia discutir casos com ele. Legal me apresentava suas ideias e jogadas: às vezes, eu usava e funcionavam, às vezes, não.

Ele comia devagar. Eu descobrira que, se lhe desse um sanduíche, podia levar até uma hora para comer, mastigando com pequenas e firmes mordiscadas. Nada era desperdiçado: Legal comia tudo o que eu trazia.

— A garota do trezentos e trinta morreu ontem à noite — contou, entre uma dentada e outra. — Uma pena.

— Lamento saber disso. Quantos anos tinha?

— Era nova. Setenta e poucos. Morreu dormindo, levaram o corpo hoje de manhã.

Fiquei sem saber o que dizer. Legal deu outra mordida e esticou a mão para pegar um guardanapo na minha pasta.

— Você não colocou o molho de carne, Legal. É o que dá gosto.

— Prefiro seco. Quer dizer que você usou a jogada da bandeira ensanguentada? E aí, como foi?

Ao pegar o guardanapo, ele tinha visto a cápsula extra de sangue guardada em um saco de Ziploc. Eu carregava aquilo para o caso de engolir a primeira por engano.

— Às mil maravilhas — eu disse.

— Conseguiu a anulação?

— Consegui. Por sinal, posso usar o banheiro?

Peguei outro Ziploc dentro da pasta, dessa vez com minha escova. Entrei no banheiro do quarto e escovei os dentes. No começo, a tintura vermelha deixou as cerdas cor-de-rosa, mas logo foi tudo pelo ralo.

Quando voltei para a cadeira, notei que Legal havia comido só metade do sanduíche. Eu sabia que o resto devia estar frio e que não havia como levar o lanche para esquentar no micro-ondas da cozinha. Mas Legal parecia satisfeito mesmo assim.

— Quero saber os detalhes — pediu.

— Bom, eu tentei persuadir a testemunha, mas a mulher não deu o braço a torcer. Parecia um iceberg. Quando voltei para a mesa, falei minha deixa e ele fez a parte dele. Me acertou com mais força do que eu esperava, mas não tenho do que me queixar. A melhor parte foi que nem precisei propor a anulação. O juiz fez isso por conta própria.

— Com protesto da promotoria?

— Ah, claro.

— Ótimo. Que se fodam.

Legal Siegel era um advogado de defesa de corpo e alma. Para ele, qualquer questão ética ou controversa podia ser superada com o pensamento de que é o dever de um advogado de defesa apresentar a melhor defesa possível para seu